REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 720

30 DE DEZEMBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

NOSSA SENHORA DO DESTERRO — *Quadro de Domingos Antonio Sequeira*

(Copia de uma gravura de Gregorio Queiroz)

CHRONICA OCCIDENTAL

Que noite fria a noite de Natal! Verdadeira noite de inverno, de céo muito estrellado, como devêra de ser essa em que Jesus nasceu no presepio de Bethlem!

Missas do galo! Como são lindas as egrejas á noite e como os sinos tocam alegres, despertando os pardaes friorentos e os pombos que dormem nas cimalhas das torres, entre os ornatos dos relogios, abrigados sob os fachos de marmore frios, tão frios e a fingirem lume!

Repicaram alegres os sinos e a todos levaram uma alegria. Quem não se alegra com este nome — Natal, ainda que não seja senão por uma memoria viva do passado?

No ar muito frio voou muito longe o repique dos sinos.

Missa do galo, missa á meia noite, á hora em que Jesus nasceu. Quando o padre sobe o altar e entôa — *Gloria in excelsis*, tocam todas as campainhas e os sinos tocam nas torres, abafando o bater compassado e soturno das horas. Estas falam do tempo que passa e da morte que ha de vir, campainhas e sinos devotos falam-nos do que foi e só nos falam de vida!

Nada mais commovente nas egrejas do que essa missa da meia noite, d'esse recordar d'uma aurora de vida nova, quando tudo é paz, tudo é quietação na natureza!

E o velho costume do sul de Portugal é juntar-se a familia á ceia em volta da mesa depois da missa. O frio cortante aguçou o apetite. Vem fumegante a canja o vinho tem nos copos reflexos de pedras preciosas, o peru bem recheado acabou de aloirar-se.

Ah! boas alegrias do Natal!... Quem as não tem? Quem as não teve? Quem as não sonhou pelo menos?

O dia começa tarde para a maior parte. Depois da noitada sabe melhor um bocado de manhã na cama. Depois as ruas enchem-se de gente. Boas festas! Boas festas!

Parece que os dias santos até no céo teem mais um bocado de luz.

Enchem-se de gente os passeios, as ruas, os largos, os campos por ahi fóra. E' dia santo, é dia para gosar. A alegria é communicativa. Sorriem todos. — Boas festas! Boas festas!

Que recordações o Natal nos traz a todos! As ferias, as broas, os presepios! Com que alegria voltavamos a casa depois de trez mezes de estudo! Dizem que a sciencia é luz, mas nada de tanta claridade nos enchia como este nome — Natal! Fechar os livros e abalar!

O presepio que nos armavam no collegio era lindo, tinha uma montanha, moinho com velas que andavam á roda, a cidade ao longe, os pastores e os reis magos. Mas os anjos que voavam por sobre toda a paizagem diziam: — *Gloria in excelsis* e ferias para vocês!

E entretanto como eram enternecedoras em toda a simplicidade aquellas figurinhas de barro, a Virgem, S. José e o Menino, as mulheres com seus cestinhos de queijos, os pastores com os cordeiros ás costas! Como os olhos nos levavam e quanto nos faziam scismar!

Jesus nascêra, Jesus que por nós, por nosso amor, havia de morrer um dia! E toda a historia d'elle nos passava ante os olhos! E era aquella criancinha loira, tiritando de frio, mal aconchegada nas palhas, lentamente bafejada pelo halito do boi de olhar dulcissimo, que havia de ser açoitada, escarnecida, crucificada, morta para depois reinar eternamente e legar-nos a vida eterna!

O Natal do Imperador é o titulo d'um conto pequenino, que faz parte do novo livro de François Coppée — *La bonne Souffrance.*

Vespera de Natal em 1811. Napoleão é só no seu gabinete do palacio das Tulherias. Tem sobre a mesa aberto o atlas e sonha. Imperador da Europa! Sultão da Asia!

Tocam os sinos. «A missa da meia noite!» Que recordações da infancia, da sua pobrissima familia em Ajaccio! O filho d'elle, do victorioso Imperador e da archiduqueza d'Austria não conhecerá nunca miserias taes!

E vai ao quarto do pequenino rei e põe-se a contemplal-o no berço.

O que elle sonhou ali! N'aquella mão pequenina havia de pôr um dia o globo do mundo!

Sonha sem ouvir a voz dos sinos, sem um só pensamento para Aquelle que reina nos céos. Nada vê do futuro, Beresina, Waterloo, Santa Helena, nem um pobre rapaz tisico, vestido com um uniforme austriaco, o que foi rei de Roma, herdeiro d'um imperio, morto mal chegava a adolescencia

E terminam o conto estas palavras:

«E emquanto o Imperador enreda a monstruosa chimera, fantasia o reino do filho e dos successores do filho sobre todo o universo, e a si proprio, Napoleão, se vê, ao fim dos tempos e da lenda, transformado em mytho fabuloso, novo Marte, deus solar triumphando em meio do Zodiaco de seus doze marechaes, — os sinos continuam a tocar alegremente, triumphantemente, perdidamente, em honra da pobre criancinha nascida em Bethlem, que realmente conquistou o mundo, ha mil e novecentos annos, não com sangue e victorias, mas com palavras de paz e de amor, e que ha de reinar sobre as almas por todos os seculos e seculos».

Estamos na ultima semana de 1898. Mais uma despedida. Mas a estas infelizmente já nos fomos costumando. Já tantas fizemos que pouco nos vão custando agora.

Entretanto ha sempre qualquer impressão n'um bater da meia noite, que termina o dia de S. Silvestre. Nem é sem uma pancada do coração que damos o salto e que vemos rolar para o abysmo do passado esses tresentos e sessenta e cinco dias, que vivemos, o que quer dizer, em que herdámos memorias de muita dôr, saudades de algumas alegrias.

Mas emfim os finaes dos annos fôram bem escolhidos. Ainda memorias do Natal se conservam; outras festas não menos bellas batem-nos á porta Depois os que teem filhos, teem-os então em casa a férias. E é sempre um dia alegre esse em que um anno, bom ou máo que fosse, desapparece, como estrella que passa deixando no céo da noite um rasto que ha de apagar-se tambem.

«Não deixa saudades. Melhor seja o que vem.» É o dito de muita gente.

Effectivamente assim falam. Poucos sabem gozar do presente; os novos, para quem o tempo é melhor, ainda menos do que os velhos, o sabem. Para a felicidade que está correndo e para aquella que passou, todos parecem ter a vista cançada. Ninguem sabe vêl-a ao pé, só a distancia os contornos se lhe definem.

O ser philosopho n'este caso é saber comprar uns oculos.

O tempo vai passando, o tempo vai máo, e dizem todos que não deixará saudades. Mas passa um anno sobre o outro e o tempo maldito ha de revestir-se com outras formas, assumir outro aspecto, e talvez mais verdadeiro; e, quando, mais tarde, falarmos d'elle, diremos com um suspiro: — Bons tempos! Bons tempos!

De quantos nos queixámos que hoje nos enchem de saudades!

A distancia tem o condão de azular o passado com aquella mesma tinta misteriosa com que tinge as montanhas. Ninguem n'ellas vê de longe a aridez das charnecas, ninguem do tempo que passou se lembra dos dias de sede. O bem rebrilha cheio de luz propria nas memorias do que foi.

O anno de 1898 está apenas por umas horas. A quem deixará elle saudades? A muito poucos. Deixem passar uns annos do seculo futuro e nós veremos como este pobre desgraçado, por muitos maldito, ha de começar a accender as suas luzinhas placidas na lembrança e ha de inspirar endeixas saudosas aos que hoje tão mal lhe querem.

Se buscassemos as ephemerides dos factos mais conhecidos, se eu relesse as minhas chronicas, entre paginas de lucto e outras desconsoladas, algumas havia de achar escriptas de coração contente, archivando um facto ou outro, que nos alegrou a alma.

Se cada qual consultar as ephemerides da sua vida, rebuscando bem na memoria, alguma coisa achará que, entre os muitos espinhos da estrada por onde caminhou, lhe deixou vêr cantinhos de paizagem sorrindo no céo muito azul, uma sombra de arvoredos, uma fonte cantante.

Alegrias e dôres nunca nos faltam na vida. Se a vida de todos é isso: alegrias e dôres! Mas, se todos considerarem bem nos tormentos que a vida lhes assombram, hão de vêr que muitos criaram pelas proprias mãos, e que o medo dos tormentos, que nem sempre vieram, foi o maior de todos elles.

O anno vai no fim e duas novidades nos trouxe: — abriu S. Carlos e andou a roda.

Os factos fôram sobretudo notaveis para o sr. Augusto Machado, que lá foi a S. Carlos com a sorte grande na algibeira.

A abertura do theatro é sempre um facto notabilissimo na vida elegante de Lisboa. Póde quasi dizer se que é essa a primeira noite em que toda a sociedade elegante da capital novamente se reune.

A *Manon* de Puccini agradou e mais de que ella agradaram os interpretes da opera, muito inferior em meritos, segundo certos criticos, á obra famosa de Massenet, a quem, por desculpavel engano, attribuimos a composição da peça de estreia da companhia lyrica. *Manon* ha de sempre lembrar Massenet.

A loteria não foi tão falada. Entretanto quantos sonhos se sonharam, cada qual olhando para a cautella, o decimo ou bilhete, guardados na gaveta, na carteira ou no cofre! E estou em crêr que muitos sonharam mais deante de uma cautella de tostão de que o sr. Machado em frente dos seus bilhetes.

Era um palpite!... Fazia tanta conta aquellas dezenas de mil réis!

Tenham paciencia. Já Eduardo Garrido ha muitos annos a definiu. A sorte grande... é uma coisa que sai aos outros.

João da Camara.

NOSSA SENHORA DO DESTERRO

(QUADRO DE DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA)

Formoso quadro, original do grande pintor portuguez Domingos Antonio de Sequeira, é o que estampamos na nossa primeira pagina, reproduzido sobre uma magnifica gravura em cobre do distincto gravador portuguez Gregorio Francisco de Queiroz, digno discipulo de F. Bartolozzi, quando pensionista do Principe Regente.

Gregorio Queiroz dedicou *esta copia gravada de um painel original de D. A. de Sequeira* a Guilherme Beckford, como o seu *obrigadissimo e mais attento servidor*, segundo a propria rubrica que se lê na estampa que temos presente.

Gregorio Francisco de Queiroz nasceu em Lisboa em 1768. Aprendeu desenho e gravura a agua forte, primeiro com Jeronymo de Barros Ferreira, sendo depois discipulo de outro artista assas distincto, Joaquim Carneiro da Silva, e, revelando uma grande tendencia especialmente para a gravura, foi mandado estudar a Londres com o celebre Bartolozzi, levando para isso uma

pensão annual de 600$000 réis, quantia deveras consideravel para o tempo.

Como se sabe, Guilherme Beckford, a quem a presente gravura foi dedicada, é aquelle talentoso e opulento inglez, que, tendo recebido na sua patria uma esmerada educação, veiu em 1787 para Portugal, profundamente desgostoso pela morte simultanea de sua esposa e filhinha.

Foi aqui que elle escreveu aquellas admiraveis cartas, que foram traduzidas na *Abeille* e depois no *Panorama*, e que pintam de um modo tão pittoresco e animado a sociedade portugueza dos fins do seculo XVIII.

Indo a Inglaterra não tardou a voltar a Portugal, onde estava em 1794, por causa de um processo que lá se lhe intentou.

No nosso paiz, o rico inglez conviveu com a mais nobre fidalguia, e na sua opulencia chegou a fazer sombra á corôa, tanto que procuraram fazel-o sahir do reino, com grande pena de Beckford que, segundo dizem os seus biographos, muito apreciava Portugal, tanto como se aqui tivesse nascido.

Não repugna pois admittir que Gregorio Queiroz devesse á protecção d'esse illustre e opulento amador inglez o ser pensionado em Londres, pelo principe regente, e que a dedicatoria alludida fosse um tributo de grato reconhecimento do habil gravador portuguez, cujos trabalhos mereceram grande apreço dos entendidos.

Tendo alcançado o seu perdão, Guilherme Beckford foi viver para Inglaterra, n'um bello palacio que o seu ouro tornara maravilhoso, e onde, em 1831, teve ensejo de receber a rainha D. Maria II, quando andava foragida pelo extrangeiro.

Se Queiroz fez esta gravura em Londres, onde esteve tres annos a estudar com Bartolozzi e outros tres estudando independentemente, ou em Lisboa, não é facil averiguar, tanto mais que na lista das suas gravuras a não vimos mencionada, mas devemos declarar que Gregorio Queiroz foi em extremo fecundo. A sua obra mais antiga é um retrato de D. Eusebio Luciano de Carvalho Gomes da Silva, bispo de Nankim, gravado em 1792. Em 1799 gravou a *Morte de S. Luiz Gonzaga*, desenho de Sequeira, do qual tambem gravou a celebre *Distribuição da sopa economica*, e que passa por ser a sua obra prima.

Como se vê, Queiroz conviveu com Sequeira e fez a gravura de muitos dos seus trabalhos, sendo o ultimo a volta de D. João VI, de que não chegou a concluir a gravura.

Estreitamente ligados, pois, os dois notaveis artistas portuguezes, cumprir-nos-hia dedicar a Domingos Antonio de Sequeira, fallando d'este seu bello quadro, umas pequenas indicações biographicas, mas sendo elle mais conhecido do que o gravador das suas obras, dedicámos a este ultimo as linhas de que dispunhamos, escasseandonos o espaço para fallar condignamente do maior pintor portuguez dos tempos modernos.

Que nos relevem os amadores da arte nacional a preferencia, que se justifica plenamente por haver biographias de Sequeira mais accessiveis do que de Queiroz, e sendo o nosso periodico uma illustração, que depende tanto da bella arte da gravura, não se pode eximir á homenagem ao distincto artista, encarando a linda estampa da primeira pagina d'este numero mais como gravura do que pintura; tornando-se ocioso quanto se dissesse em referencia á segunda.

Entre os trabalhos de Gregorio Queiroz cumpre-nos citar ainda um retrato de Cyrillo Volkmar Machado, que vem collocado á frente das *Memorias* d'este escriptor, gravura que é de 1823; um *Ecce Homo*, gravado em 1827; um retrato de D. Luiz da Cunha, em que trabalhou muitos annos e que offereceu ao duque de Palmella, obra a que Racksinsky rende elogio.

Ainda, em 1842, Gregorio Queiroz emprehendeu, de collaboração com Joaquim Antonio de Oliveira Goes, uma publicação illustrada, de titulo *Galeria Universal*, de que sahiram 26 numeros, os quaes constavam, além do texto, de duas gravuras cada um, representando trajos de differentes paizes.

Apoz uma vida bastante productiva, Queiroz morreu em Lisboa a 29 de março de 1845, perdendo n'elle a arte portugueza um distinctissimo artista.

Esteves Pereira.

VERSOS D'UM AUCTOR INEDITO

Tem apenas desaseis annos, o que é a melhor desculpa de qualquer pequenino erro de forma que o poeta commettesse. Este soneto é o primeiro marco no caminho. Glorioso hade ser para quem de sobra possue inspiração e sentimento. São versos d'uma creança, mas innegavelmente demonstram a aurora d'um artista.

Soneto

Batiam lentamente ave-marias
N'um longinquo vibrar sereno e triste.
Olhando para mim tu me sorriste...
Era a ultima vez que me sorrias!

E quando, ó sol, no occaso te sumiste,
Além d'essas agrestes penedias,
Morrendo tu, sósinho não morrias,
Pois ella se finou quando fugiste.

Como differes do sol, alma que vais
Fugindo nos espaços sideraes,
A voar branca e pura na amplidão!

O sol tem de voltar com seu clarão,
Mas tu, amor, não voltarás jámais,
Mas tu, mulher, não voltarás já não!

Antonio Carneiro.

A CONSOADA

No seu casebre desguarnecido de todos os confortos e privada até do pão de cada dia, a triste vélhinha completamente só, delirava já de fraqueza, ao calôr do fórte brazido que se conservava accêso na lareira. Era tão velha de velhice, tão corcovadinha e tão engelhada pela idade, que a gente da aldeia chamava-lhe mesmo a Thareza Velha.

A pobre Thareza, achando se no fim da vida sem amparos de familia, contava sempre com as ajudas dos visinhos, porque sabia encommendar-se á graça do Senhor, e a sua lingua não se empregava senão nos murmurios innocentes da résa. Mas o Senhor talvez não pudesse abaixar a misericordia universal dos seus olhos sobre a vélhinha abandonada, n'aquella noite de Natal, em que o paraizo vibraria todo com as festas inauditas do divino anniversario. E os visinhos estavam tão entregues ás comezanas fartas das suas consoadas, que se esqueceram d'ella tambem, e nem um boccadinho d'alimento lhe deram para matar a sua fome.

E a Thareza Velha delirou, delirou longamente, ao pé do borralho ateiado pelo vento que vinha da porta aberta. Até que de repente, por uma impulsão mysteriosa da sua tontura, teve alento para se pôr a cantar, com a singular vozinha d'uma moribunda, que recapitulasse agora, sem nexo, os canticos ingenuos de fé que decorára na igreja desde os tempos da infancia, sepultados na confusa treva do passado.

As mulheres da visinhança ouviram-lhe a tremula cantilena, perra e frouxa, mas persistente, como o lamento ou o adeus d'alguem que se despede, ao longe. Todas ficáram muito admiradas; e viram-se então obrigadas por aquella força do acaso a pensar na vélhinha solitaria. Arranjáram á pressa alguns restos das suas ceias, cobriram se com as capuchas, por causa da friagem de neve que andava no ar, — e foram em bando levar á Thereza o quinhão que lhe deviam da consoada nocturna.

Mas ella acolheu-as com uma risadinha debil, alheiada da sua presença tardia e das suas inuteis offerendas. E foi-lhes dizendo lentamente, como se fallasse em segredo:

— A boa hora vindes cá, ó vós, com as vossas comidas! A mim já não me importa nada, porque o mundo já não é meu... Quem vos déra vêr o que eu vejo! Eu estou no céo... S. Francisco abriu-me a porta. Tantas flôres! Tantas luzes! Lá passa uma procissão d'anjos, adiante vão os pequenos, depois vão os grandes... Quem vos déra vêr o que eu vejo! Nosso Senhor está-me a chamar... Fez-me signal com a sua mãosinha branca... Eu estou no céo... Deixae-me! Vou consoar com o Senhor... Elle está assentado n'um raio de sol, a comer papas d'ouro... Um pratinho d'ellas é para mim... Ninguem tem uma consoada como eu tenho, ó vós! Eu estou no meio dos Santos e das Santas, na côrte do Céo... Tantos pobresinhos! Mas todos comem, todos comem... é um regalo... Bem haja o Senhor!...

Depois cahiu para a banda, esvaecida. Algumas visinhas entreolháram-se, e não deixáram d'observar, chorando lagrimas de compaixão:

— A Thareza Velha insandeceu, coitadinha!

Uma d'ellas, que tinha muita piedade no fundo do seu coração, foi buscar um crucifixo, e ageitou-o á bocca da illuminada. E a boa vélhinha moveu effectivamente os labios seccos, ao contacto da imagem sangrenta de martyrio, para lhe dar um beijo d'amor supremo. Antes de morrer, emquanto as mulheres se pranteavam dolorosamente em volta d'ella, conseguiu ainda balbuciar de mansinho a toada do *Bemdito*, com gaguejos de sons, quasi extinctos de todo.

E a Thareza Velha, tão velha de velhice, teve a sorte milagrosa e doce d'exhalar a sua alma n'um canto d'illusão.

Monteiro Ramalho.

O SERÃO

Com os olhos na costura, desde que anoiteceu, a linha a estalar em cada ponto, vai-lhe marcando o compasso do andantino dos pensamentos.

Bainha fóra vão os pontos correndo, barra fóra da fantasia vai-se o romance desenrolando.

E' meiga e placida a luz do candeeiro, que no linho muito alvo se refrange e vai illuminar a testa curvada sobre o trabalho. Põe-lhe um nimbo muito suave, e doira lhe uns cabellos revoltos, que então parecem materialisações subtilissimas d'algum pensamento luminoso, d'alguma esperança que amanhece.

Não ha trevas, não ha frio n'uma alma d'aquellas. A ambição é modesta, o sonho é realisavel. Os horizontes são curtos, a mão logo toca no azul, sem grande força de remos. Remos?... Se o barco anda sempre á vela!... Se lhe é sempre o vento galerno!

Um sonho de mulher o que ha de ser? Amores?

Sonha um outro serão talvez, sim, mais alegre, maior o circulo luminoso cahindo do quebra-luz, e, em volta da mesa cabecinhas loiras a adormecerem, com os canuditos perfumados de beijos.

Quantos serões ainda, por essa provincia toda, são encantadores! Quantos serões na Lisboa antiga davam a todas as casas um aspecto patriarchal!

Hoje as communicações facilimas puzeram o centro de Lisboa ao pé das portas de cada um. Americanos, elevadores, comboios acabaram de vez com os velhos costumes dos suburbios, onde todos os visinhos se conheciam.

Por isso toda Lisboa mudou de aspecto. As ruas, até muito tarde, teem as lojas illuminadas e em qualquer das ruas da Baixa ha hoje maior concorrencia ás dez horas da noite, do que havia antigamente na mais concorrida d'ellas, pouco depois do tocar das Trindades.

Regorgitam de gente os cafés; os theatros, muitos mais agora do que d'antes, contam enchentes por cada peça que ao publico mais agrada. Toda Lisboa é cheia de restaurantes e foi precisa uma ordem da policia para que fechem ás duas da madrugada.

Antigamente cada bairro de Lisboa, Santa Clara, Graça, Lapa, Alcantara, Junqueira, Belem, Bemfica, era como um cantinho de provincia; tinha a sua botica onde caturras jogavam o gamão, um barbeiro predilecto onde ás tardes se sabiam as noticias do dia, influentes politicos de que ainda

O SERÃO — *Desenho á pena do fallecido pintor Lupi*

ha restos, e umas dezenas de casas que hospitaleiramente abriam as portas para uma chicara de chá e um prato de fatias.

Já se não fala da velha cidade do seculo passado. Fala-se de ha dois dias.

D'essa outra que lá vai e nenhum de nós conheceu, descreveu, uma vez, um sarão, em leitura, que fez no Club da Lapa, e em folheto, que depois publicou, o velho Marquez de Rezende, que pessoalmente conhecêra todas as personagens d'essa comedia interessantissima.

Vestigios de tudo isso vieram até nós: gente que sabia conversar, frades saudosos, peraltas cumprimenteiros, poetas de madrigal engatilhado para cada dia de annos.

Tinham já o seu caruncho, que os foi roendo, e por fim os mandou de trespasse aos bichos do cemiterio.

Sentavam-se as senhoras á roda da mesa, quatro homens a um canto jogavam o voltarete, uma senhora ao piano tocava melodias de Bellini.

Não havia jornaes ou poucos havia n'esse tempo. As novidades só corriam de bocca em bocca e nem por isso andavam mais devagar ou menos mentirosas.

Mas então conversava-se mais e sobretudo sabia-se conversar. E' que havia homens que tinham vivido, como hoje quasi ninguem viveu, homens que tinham um passado, o que vai sendo raro entre os homens d'hoje.

A's vezes, vinham visitas d'outros bairros distantes. No silencio do começo da noite ouvia-se ao longe o rodar pesado da carruagem e o trote dos cavallos d'Alter ou o chouto das mulas possantes sobre o basalto da calçada.

E as horas corriam, e em torno da mesa, as senhoras trabalhavam, umas velhas, d'oculos a meia cana do nariz, com as agulhas de meia, as novas de cilios baixos, sombreando os olhos, a que os poetas chamavam estrellas, logar commum de que ellas se não fartavam.

Os pequenitos n'esses dias de gala — visitas de longe! — deitavam-se mais tarde e adormeciam com as cabecitas nos colos das tias.

A's vezes a conversação calava-se e um gracioso dizia: — Um anjo que passa!... E ouvia-se baixinho a voz d'uma senhora contando a pontos: — Um, dois, tres...

Eram deshoras as onze! E todos sahiam em rancho. Cá em baixo estavam as galochas, os sobretudos, as bengalas, os chapéos de chuva. Conversava-se ainda pela rua abaixo... Adeus, adeus. Boa noite. Até ámanhã!

Mas essa mulher da gravura está só. Em que pensa? N'um homem que diz adoral-a? No filho que está lá dentro?

Nos seus amores, com certeza, que um amor, seja qual fôr, é o que mais acompanha, é luz, é musica, é calor dulcissimo.

J. C.

DEPOIS DA CAÇADA

TRES horas e dez minutos da tarde — marcam os ponteiros do relogio antigo, de pesos, que está além, na parede da frente da casa de jantar, onde se banqueteiam aquelles caçadores, á volta da sua excursão. É o Tyrol, paiz de grandes atiradores, mas d'estes nenhum traja á moda dos montanhezes: estamos talvez na Prussia...

Sejam d'onde forem, o que é certo é que são allemães, como allemão é o artista, que os pintou. Artista distincto e consciencioso. O seu quadro tem verdade, e é bem composto; as figuras, que são muitas, estão bem desenhadas, as cabeças teem variedade, e são expressivas; os gestos naturaes, sem affectação.

Tudo homens feitos, velhos amadores, entendidos na arte, gostando de discorrer sobre os episodios mais interessantes, e discutir os variados problemas de tiros certos e errados, entremeiando a conversa, á sobremesa, com um bom copo de punch — d'aquelle que a elegante creadita, deitando o olho de soslaio para os convivas, alli traz na grande poncheira de porcelana fumegante.

São todos pessoas finas, bem trajadas. Este, aqui á direita, — physionomia intelligente e attenta — é talvez um homem de sciencia, medico, advogado ou professor, e aquelle, ao fundo, de luneta, com uns bigodes de longas guias, é um official, fez a campanha de França, e póde contar as suas aventuras de caça e de guerra, nos campos de batalha e nas coutadas imperiaes... E aqui é o caso de elle dizer: — *Guardado está o bocado para quem o ha de comer.*

A conversa, comquanto, por interessante, prenda as attenções de quasi todos, alguns pensam n'outra coisa, como este, á esquerda, que está alli encostado á hombreira da janella, contemplando a paizagem, que lhe fica fronteira; e, no extremo opposto, aquelle gordo, figura de bom lavrador, dono de boas adegas, e que está observando o seu Lefaucheux, verificando se elle funcciona bem. Alguma lhe succedeu, que o deixou apprehensivo. O mais novo da sociedade, se acompanhou na caçada, não presta attenção alguma aos homens, entretem-se com os *setters* e *pointers*, e faz-lhes negaças com algum pedaço de chouriço, contendo com a mão os mais impacientes.

Cabeças fortes, testas amplas, physionomias sérias e pensadoras, ha alli apenas um de quem eu desconfio: não é o gigante, já de chapeu na cabeça e cachimbo na bôca, impaciente, e prompto a partir, não é esse, é aquelle que, por se estar balouçando na cadeira, e de costas voltadas, nós não lhe vemos o rosto. Equilibra-se no pé da cadeira, e de caminho vae fazendo seu pé d'alferes á moça. Ah! maganão! Algum tenente de hulanos, que levou aquelles costumes de França. Immoralão! Mas felizmente lá está, vigilante como o Anjo da Guarda, aquelle ancião nedio e sorridente, com as mãos no peito, e olhando friamente para o nosso conquistador. Um Anjo da Guarda um pouco adiposo e pesado, sem nada de ideal e aereo, mas, por isso, menos arriscado á seducção.

E aqui o leitor dirá:

— Vêl-os — vejo eu. Elles alli estão, bem pintados. Mas que caçada fizeram?

— Na sua qualidade de allemães fizeram naturalmente uma caçada allemã. Quero dizer boa, methodica e abundante, se foi num parque real, n'uma d'aquellas vastas florestas, recheiadas de caça, bem tratadas, e defendidas por guardas bem armados, e disciplinados e vigilantes, como velhos soldados, que todos elles são.

*

* *

Aqui tem o leitor, para amostra, uma caçada, descripta não por mim, que não assisti infelizmente a ella, mas por Luiz Viardot. Dou homem por mim — e que homem! Um caçador mestre, um critico d'arte distinctissimo, a quem eram tam familiares os campos, como os museus, as obras da natureza como as da arte. Tanto melhor para o leitor.

Tem elle a palavra.

«Uma noite, em que eu voltava para casa, mais aborrecido que nunca, e pensando, como o amante da bella Philis, que desespera quem sempre espera, acho sobre a mesa da ante-camara uma especie de cartaz da largura de duas mãos, e ornado d'uma gravura semi-circular, a que estava junto um bilhete de visita. Neste li o nome do principe de C..., que era o Monteiro-mór do rei da Prussia. Approximo uma vela do cartão: a gravura em semi-circulo são tropheus de caça, corôados pela cabeça do veado de S.^to^ Huberto, que tem entre os galhos uma cruz luminosa. No meio, em phrases começadas pela imprensa e terminadas pela escripta, vejo um convite para a caçada real do dia seguinte. Natureza da caça, cantão, ponto de reunião, hora da partida, e hora da volta, meios de transporte — tudo ahi está claramente indicado: nada falta na ordem do dia, e o meu nome, o meu proprio nome, está no fim de tudo isto.

— Potencias celestes! — exclamei eu, como o amante de Julia — tinheis-me dado uma alma para a dôr! Dar-me-heis uma para a felicidade?

Não podia adivinhar por intervenção de que santo um tal favor me caía do paraizo!

Ó ciel! d'où me vient tant de joie?

dizia eu, como a velha do *Berceau* em La Fontaine; e como ella accrescentava, limpando as minhas armas e apetrechando a minha saca:

Prenons ceci, puisque Dieu nous l'envoie.

Apesar de ter um relogio com despertador, quasi não preguei olho, com medo de que o frio lhe fizesse esquecer o seu dever. Uma hora antes da carruagem vir já eu estava a pé, e cheguei á estação antes de abrirem os *guichets*. Era proximo do *rail-way* que leva á Silesia, de Francfort — sobre o Oder, que iamos caçar, e na estação mais proxima esperavam-nos os carros, que nos transportariam rapidamente ao local designado, e que nos seguiram todo o dia, levando-nos de batida em batida.

Conduzida pelo Monteiro-mór em pessoa, apesar de nem o rei, nem os principes tomarem parte nella, a caçada era o que se pode dizer uma caçada bem organisada. Cartões, tirados á sorte pelos caçadores, tinham, com o numero de cada um, umas instrucções muito bem feitas e circumstanciadas ácerca dos cuidados necessarios para evitar qualquer accidente. Guardas florestaes de todas as graduações, a cavallo e de grande uniforme, dirigiam os batedores — muito numerosos, apesar de pagos, que levavam ao pescoço os seus numeros em grandes lettras. Tocadores de trompa e de clarim marchavam nos flancos d'este exercito, para darem o signal da partida, marcarem as extremidades do recinto, e manterem os batedores em linha. Finalmente em cada recinto estavam preparadas para os caçadores, e já numeradas, esperas feitas com ramos d'arvores verdes.

Eu não sei se esta ultima e superabundante precaução foi, como todas as coisas de luxo, mais prejudicial do que util. Era possivel que a presença e a bulha dos operarios tivessem, na vespera, inquietado a caça d'aquelle cantão; podia bem acontecer que alguma corça curiosa, depois de ter observado aquelles esconderijos de ramos, e aquelles numeros pretos traçados nos troncos das arvores, retalhados de fresco pelos machados, tivesse dado o alarme aos seus companheiros. O facto é que nesta primeira campanha, emprehendida num terreno novo, que se experimentava, a grande caça foi muito rara. E todavia tinham permittido atirar ás corças e aos corços, porque os veados, diziam, eram alli mais numerosos que os cabritos montezes. Apenas se matou uma corça! Foram, como sempre, as pobres lebres que pagaram as custas.»

Esta amostra de caçada, nas mattas reaes de S. M. o rei da Prussia, dei-a por causa da apparatosa *mise-en scène*, porque, como monteria, falhou. Mas est'outra vae-lhes alegrar o olho.

«Tres dias depois — continua Viardot — foi-me entregue um segundo convite, e d'esta vez, indo agradecel-o ao principe de C..., soube que era a uma ordem expressa do rei que eu devia a honra, pouco prodigalisada, e o favor, muito invejado, de figurar na lista dos convidados para as caçadas da côrte! Bófé, meus amigos, riam-se de mim, se isso lhes dá gosto, mas, não podendo refrear o ardor do meu reconhecimento, do fundo do meu peito e do fundo do meu coração, eu dei — Deus me perdôe! — um soberbo *Viva o Rei!* Foi a primeira vez na minha vida, e creio que será a ultima. Ainda assim era pelo Rei da Prussia!

Esta segunda caçada, feita em Copnik, do mesmo lado, mas muito mais perto de Berlim que a primeira, podia bem, pela precisão e rapidez dos movimentos, boa ordem da acção, e resultado final, ser offerecida como um modelo acabado da caça allemã.

O terreno era uma serie de pequenas mattas, raras, abertas, entrecortadas de planicies. Não havia lá nem caça *vermelha*, — veados e cabritos montezes — nem caça *negra* — javalis, mas só o que se chama caça meuda. E entretanto, no fim do dia, teriamos podido elevar, com os cadaveres das nossas victimas, um d'esses vastos *tumuli*, que os vencedores erigiam outr'ora como tropheu nos campos de batalha! Os nossos carros levavam trinta camurças, dezeseis rapozas, cento e trinta e tres lebres e uma perdiz!

Nesta presa commum, para a qual cada um fornece a sua parte, todos são solidarios, e não se deve mencionar senão o resultado geral, porque a batida, feita assim, é uma loteria: o acaso dá o numero, o numero designa o logar, e o caçador não é mais que um atirador. Feliz aquelle a quem cabe um bom premio, quero dizer um bom posto, e que se mostra, pela sua destreza, digno dos favores da sorte.»

Na bella gravura do pittoresco quadro de Hensoler figuram todos os agentes, mas falta o paciente. Vemos tudo — menos a caça! Se aquelles nossos confrades allemães, alli reunidos, foram, como Viardot, convidados para uma caçada real — está explicada a ausencia das victimas. Elles, retardatarios, furtaram-se ao jantar no palacio, mas as lebres, as rapozas, os cabritos montezes, as perdizes e as gallinholas, lá foram, atulhando os *fourgons*, honrar os brios dos destros atiradores, nas cosinhas reaes. E ahi, á distribuição, se poderá dizer d'elles que não perderam o dia, e que, apesar da proximidade de Berlim, não trabalharam, como se costuma dizer em França, para o Rei da Prussia.

22 — dezembro — 98. *Zacharias d'Aça.*

DEPOIS DA CAÇADA

O NATAL DE MARIA — Boas festas avôsinho!...

O NATAL DE MARIA

AMAVA o Bartholomeu a neta como ás meninas dos seus olhos, mais ainda, perdidamente enamorado d'aquelle rostinho seductor, onde brincavam, pedindo beijos, duas estrellinhas cahidas dos céos, e creio que d'elles esquecidas.

Elle corria pressuroso, arrastando os pes já um tanto tropegos, se a ouvia chorar, prompto a satisfazer-lhe as mais pequeninas vontades; disputava-a ao amor da mãe, fazia-lhe mil caricias, trazia-a ás cavalleiras, afofava-lhe o leito que mais parecia o calice da mimosa flôr, onde a abelha poisa; e se a creança lhe sorria, se lhe estendia as rechonchudinhas mãos, as cans do Bartholomeu brilhavam, as rugas cavadas nas suas faces pelos annos e fadigas desappareciam, e elle parecia ter 40 annos remoçado.

Quando tinha de a deixar para ir aos seus trabalhos de lavrador remediado, era como se uma maligna o atacasse fortemente.

Mas para desforra, tinha os domingos e dias santos. — Então sim; ouvia a sua missa, e o resto do dia era consagrado á netinha.

Passei lá um Natal, dia em que a Maria fazia o seu anniversario.

N'esse dia toda a familia se juntava; o Bartholomeu satisfeito, entre as filhas e os genros, parecia um rei no meio da sua côrte.

O velho bastante instruido, para a sua condição, era muito religioso; e o dia do nascimento de Christo, o maior phylosopho de todos os tempos, o filho unigenito do Senhor, marcava para elle a data mais memoravel, que festejava em harmonia com este pensamento.

Pois, senhores, aqui muito em segredo, a creança de que venho fallando, teve o poder de o fazer atheu! — Atheu, sim, admiram-se? !...

Eu conto o caso que é simples, e despido d'enredos; uma aguarella sem luzes fortes nem traços vigorosos, simples, mas vivida, palpitante, cheia de graça e belleza.

Succedeu n'esse dia que lá passei, o 25.º de dezembro de 189...

O Bartholomeu ouvida a sua missa, acompanhado pelas mulheres e por mim, — os genros tinham ficado no adro conversando com alguns companheiros na faina agricola — viera logo para casa. Sentado n'um banco de pinho, espairecia a vista pelo aposento da entrada, como que a procurar alguma coisa; as mulheres tinham-se sentado a uma mesa perto d'elle, e eu ficára á porta a ver uma curiosa scena que no pateo decorria e a que vão vêr o fecho.

O velho não poude conter-se por mais tempo, e — A minha néta? Os outros? — irrompeu abruptamente, anciosamente. (Estes outros eram os outros netos — o João, o José e o Francisco, tres garotos de se lhes tirar o chapeu e que ao pobre do avô faziam as maiores diabruras.)

A mãe da Mariquitas, a filha mais nova do Bartholomeu sorriu-se, comprehendendo o interesse da pergunta; as irmãs fizeram sociedade, mas para a resposta não houve tempo. Como um tufão, pela porta dentro um magnifico cortejo entrava.

O primeiro fragmento d'esse cortejo era o garoto José, que segurava um enorme cão que puchava um carro toscamente feito, onde, em cima d'umas almofadas, se ostentava a Mariquitas, segurando um ramilhete de flores do campo, muito séria, magestaticamente, como quem vem a uma grande missão. — A fechar, vinha então o Francisco a sorrir manhosamente.

Chegado em frente do velho, o cortejo parou. De cima do carro um bracinho se estendeu com o ramilhete, e uma voz infantil, divinamente adoravel, cujo timbre devia ser egual ao da voz dos anjos, balbuciou:

— Boas festas, avôsinho!...

O Bartholomeu, surprezo, de mãos cruzadas, ficou-se sem saber se havia de chorar, se de rir, as mulheres olharam com interesse a scena, mas como quem a esperava, e eu... contemplei embevecido o quadro singelo, mas altivamente dominador, que aos meus olhos se offerecia.

O Bartholomeu desatou aos beijos á neta que parecia querer comel-a, esqueceu-se do seu Christo, e o Natal que se festejou n'esse dia... para elle foi o da creança.

Desde então no calendario do avô o 25.º dia de dezembro, representa um Natal, mas... o de Maria!...

Santo velho! que Deus te perdôe essa desattenção ao seu amado filho, por amor d'elle proprio que tanto amava os pequeninos!....

Manuel Neves.

EM FAMILIA

AO FAZER A MEIA NOITE

DIVINO MESTRE, que amava as creanças e os pobres, nasceu n'um presepio. Quando os Reis Magos, guiados por uma estrella refulgente que lhes indicava o caminho, chegaram a Bethleem, acharam o Salvador do mundo, o que vinha a derribar os idolos pagãos, deitado n'umas palhas, rodeado de apparente miseria e de um nimbo de luz celestial.

O dia do nascimento de Jesus, desde que o christianismo brilhou para a humanidade tem sido dia de ventura, dia de gloria!

Jesus vinha a prégar a paz, a caridade, o amor; e grandes e pequenos na terra, com o coração aberto, acolheram a sua doutrina. Só com o andar do tempo, os tyrannos, os oppressores, comprehenderam que a lei do Christo lhes era contraria, e assim começou a divisão a perturbar os espiritos.

Natal era o grito que os povos da edade media soltavam para significar o seu regosijo nos momentos solennes. *Nataes* se chamaram os canticos de alegria que os trovadores entoavam nos sumptuosos banquetes que precediam a festa religiosa celebrada pela Egreja, ao chegar o limite do dia vinte e quatro, quando o relogio das cathedraes gothicas marcava a hora mystica, e os sinos faziam resoar os ares com os seus festivos repiques.

Todos os povos europeus celebram o dia de Natal — *Noël* em França, e *Christmas* em Inglaterra e na America do Norte — e todos o consagram, principalmente os saxões, a divertir e festejar as creanças.

Nos Estados-Unidos do Norte da America especialmente, o dia do nascimento do Redemptor é o dia por excellencia para as diversões de caracter intimo e familiar.

E' o dia da infancia.

O *Christmas tree* tem o que quer que seja de magico que traz suspenso o coração das creanças durante as ultimas semanas que precedem a festa.

A mãe, as irmãs mais velhas, os amigos da familia reunem-se, combinam em segredo a maneira de completar a surpresa com que vão deleitar os seus pequeninos; todos os annos se repete a mesma grata tarefa; crescem as creanças, mas o dia de Natal acha-as sempre docemente dispostas a deixarem-se *surprehender*. Mysteriosas caixas, pacotes de varias fórmas e dimensões entram e saem sem cessar em continuo vai-vem de creados, serviçaes, amigos e parentes. As creanças, que sabem ser reservadas quando lhes convem, tudo vêem e fingem nada ver; conhecem que aquelle movimento, aquella lufa-lufa ha de ter um resultado agradavel; esperam, confiam e calam.

Na tarde do grande dia vestem as suas melhores galas e com o coração aos pulos preparam-se para o *momento critico*. Assim que chega a noite, a infantil cohorte entra em forma e em silencioso recolhimento é conduzida ao aposento mysterioso onde está a esperada surpresa.

Corre-se um cortinado e apparece a arvore!

Que de gritos de admiração, que bulicio, que alegria, que enthusiasmo!

Um lindo pinheiro verde se ergue a meio da sala, immersa em densas trevas, para que assim melhor se destaquem as innumeras luzes que adornam a arvore, e principalmente a estrella symbolica que a encima. Os ramos estão carregados de caixinhas douradas, bonitas bonequinhas, brilhantes soldadinhos, barquinhos de assucar, barrilinhos prateados cheios de confeitos, jarrinhas e vasinhos com fundo falso, onde se occultam saborosos doces... que na festa das creanças deve haver a illusão para os olhos e o *solido* que estimule o paladar insaciavel da infancia.

Mercê de fitinhas de côres varias, balanceiam-se graciosamente os mysteriosos brinquedos, que parecem nascidos da arvore, como ouvi dizer uma vez a um diabrete com encantadora ingenuidade.

A irmã mais velha ou a mãe, com uma grande tesoura, começam a cortar os appetecidos fructos. Ouvem-se então uns gritos encantadores de «a mim» «a mim!» e um enxame de brancas mãosinhas se agita em deliciosa confusão. As velinhas de cera vão-se consumindo e tonico cheiro de resina perfuma o aposento...

Saí a buliçosa turba infantil com o seu quinhão de brinquedos e doces, e vai esperar a hora de novos mysterios. Ao despirem-se, as creanças teem o cuidado de pôr ao pé da chaminé ou da janella, uma meia ou um sapatinho, dos que acabam de tirar, para que á meia noite o Menino Jesus venha alli deixar o presente que todos os annos costuma fazer aos meninos bem comportados. Na casa do pobre, o sapatinho roto, a meia esburacada, e na do rico a elegante botina de polimento e a meia bordada, lá estão como emblema de fé! Haverá mãe, por mais pobre que seja, que deixe vazio o sapatinho ou a meia?

Em Inglaterra, onde o rigor do inverno, n'esse momento do anno, cobre de espessa neve as ruas e os campos, vêem-se os homens de trabalho, com grossas capas e pesados chapéos, percorrer grandes distancias para irem festejar com buliçosa alegria o Christmas em familia. Quantas canções alegres *(Christmas carols)* e tambem ás vezes quantas excessivas libações! Mas é dia de gloria, e por mais pobre que seja uma familia, nunca lhe faltarão algumas castanhas assadas na fogueira do Natal.

Em Paris, a metropole do bulicio e da incredulidade, na noite de vinte e quatro de dezembro, é extraordinaria a animação das ruas adjacentes ás grandes egrejas. Na Magdalena, em Santo Eustachio, em Santo Agostinho celebra-se a missa de *minuit* com uma magnificencia e pompa dignas dos tempos do grande Constantino. As naves resplandecem, flores sem conto mixturam o seu suave perfume com o do incenso e da myrrha; a musica mais bella e harmoniosa com que pode sonhar a mente de um christão devoto se eleva em mysteriosos accordes até o throno do Altissimo!

Toda Paris elegante acode a esses centros; uns crêem, outros não crêem; mas a musica que alli se ouve, arrebata, porque é executada pelas summidades da arte, que n'essa hora da noite tudo deixam pelo templo. Grande é o tumulto. Difficil tarefa a do grave *gardien de la paix*, para luctar com as femininas exigencias; felizmente para o bom do *municipal*, as egrejas fecham-se *logo que estão cheias*. Ai dos retardatarios!

Terminada a missa, saem os assistentes... e...

Na noite de Natal, em Paris ceia-se e não se dorme.

Tomara-me eu no tempo em que li estas cousas!

....

F.

PROTESTO

(Ao meu excellente amigo Julio dos Passos da Silveira Gomes)

Protesto contra a sorte impertinente
Que me abate cruel e caprichosa,
Que me torna esta vida dolorosa
Em logar d'adoçá-la meigamente.

Sempre a sorte me muda num repente
O breve gôso em lucta tormentosa,
E *seculos* de vida desgostosa
Me alterna co'um *segundo* bem contente.

Que não mereço tanta crueldade,
Disse-m'o, a segredar, a consciencia,
Negando ao *bem fazer* a validade.

Se *ser bom* nada vale... paciencia!
E se *ser máo* garante a f'licidade,
Palavra, não entendo a Providencia!

Alexandre da Costa.

SANTIAGO DE COMPOSTELLA

A GALLIZA

I

GALLIZA fica mais adiante da provincia portugueza—o Minho.

O rio d'este nome, que separa os dois povos, marca-lhes a fronteira; mas seus cantares, a poesia, os costumes, são identicos. E' que elles veem da mesma raça, e atravessaram eguaes vicissitudes.

Na margem portugueza do rio, quando as mulheres andam na lavra da terra, ou na rega dos milharaes, cantam:

«Dizem que sou morena.
Sou morena, bem o sei;
Morenita é a pimenta,
E vae á mesa do rei!»

Na riba opposta, responde-lhe a canção gallega:

«Se dixe que soi morena
E que soi morena e pobre,
Morenita es la pimenta
E los señores la comen! »

As duas cantigas são irmãs; sómente a tradição do rei é mais funda em Portugal; a tradição do rico-homem prepotente está mais arreigada na Galliza. Assim, aquellas duas coplas apenas se differençam em quanto ao poder ostensivo, que mais se gravou na imaginação do povo.

Os dois tratos de territorio, porém, são paizes de democracia, pois que ahi a propriedade está immensamente retalhada. Nunca deparei região onde a terra tivesse aspecto mais expressivo, e onde falasse com maior sentimento ao coração humano, do que naquelles povos lindados pelo Minho. Dá enternecimento o pequeno serrado com suas latadas de pampanos e seus milharaes, que verdegueiam, não raro, á beira dos rios e ribeiros, que vão fugindo e papeando á copa dos altos freixos, dos elegantes pinhos, ou dos carvalhidos, que debruçam suas ramas sobre o veio da agua.

Em ambas as provincias, á beira d'essas aguas, que escorrem dos montes por todos os lados, não se alteia o choupo nem o salgueiro, que mergulha na corrente seus delgados vimes. Só lá existem, e maxime na Galliza, as grandes arvores frondosas, que, por vezes, formam população ingente, que dá ás ribanceiras que vão até aos cumes alcantilados, a religiosidade dos templos.

Na terra galaica é mais larga e arejada a paizagem, maiores as montanhas, e até os arvoredos são de extraordinaria corpolencia, que as não veste e aperta a annosa vinha. As suas longas estradas serpeiam quasi todas á sombra d'estes bastecidos arvoredos; e se elles param, de espaço a espaço, é porque ahi se ergueu a cidade, a villa ou a aldeia.

Quando as povoações se não denominam Vigo ou a Corunha, batidas pelo mar Atlantico, que torneja a torre de Hercules até ao golpho da Byscaia, então, ellas guardam ainda, com sua ingenua physionomia, as antigas construcções, as dos tempos medievaes. São encantadoras. Em todas lá vejo a *solana*, que sae fóra do frontal da casa, e que, sustentando-se em apoios de ferro, de granito ou de madeira, deixa na sombra a parte inferior, onde se abrem as portas, Lá vejo tambem a velha edificação quadrada, erguida em blocos de granito, e ladeando-se de ingreme escadaria, que termina na alpendrada. Então esta faz as vezes da *solana*; e por sem duvida ahi espaireceu os ultimos dias da vida o bom cavalleiro, que lá fez resoar os seus sapatos de ferro, ao voltar da guerra.

Os montes que cruzam a Galliza em todos os sentidos, espreitam as aldeias da planura ou da encosta; e quando o sol transmonta, elles, cobertos de uma nevoa azul e coroados de caprichosos castellos de penedos, parece que são os bons e naturaes protectores do povoado agricola, que lhe formiga nas faldas.

Tudo n'este torrão gallisiano é objecto de estudo e de encantamento para os sonhadores e para os sabedores. A historia das sociedades humanas, que vieram erguer sua tenda ás margens do Atlantico, a das vicissitudes da Europa antiga ou moderna, de toda ella, ainda a mais remota, dá contas a Galliza. Ahi está escripta; e não sómente nos recessos do seu *archivo geral*, senão que nos documentos da natureza, ou n'aquelles que as paixões humanas, a rir ou a chorar, deixaram de si, como se foram estatuas tumulares em sarcophagos de civilisações, que se não apagaram totalmente, pois ainda se lá escutam suas passadas, palavra e gestos, as cordas, emfim, ainda o gemer, da lyra do seu coração, no templo rudimentar das religiões antigas, ou nos elegantes e severos templos, que ergueu a religião christã. Ahi é que está a historia da Galliza; e começa com o paraiso das velhas mythologias, que deixaram echos nas quebradas das serras e nos casaes da planura, e vae até á egreja dentada de ameias, que foi sanctuario de orações e campo de batalha.

O *folk-lore* da Galliza de tudo isso conta; e com elle entretêem os serões, se geme a carvalheira açoutada pelo vento, ou se engrossa caudal o ribeiro, alagado pelas chuvas da invernia. Desde a torre de Hercules na Corunha até á cathedral de Tuy, que volta seu rosto tostado ao Minho, é isto a terra gallaica. Poder-se-hia comparar á Irlanda, se o verdecido de suas alfombras e montanhas, e a abundancia de suas aguas, não tivesse por docel, este formoso céo peninsular,—um céo benigno.

II

E este paiz ainda respira forte.

Se o carregam saudades de um outro tempo, que elle discorreu no agitado bulir da vida, é que, lhe falam os exemplos de valor, os do tenaz talento, os da heroicidade, de que, mesmo agora, dão testemunho seus monumentos e tradições. A' semelhança do roble vigoroso, que, bracejado dos ventos e das tempestades, o conservam a prumo as raizes fundas, — assim é a Galliza.

Durante o transcurso dos seculos, aprimorou a sua lingua; que, hoje adulta, tem todas as modalidades necessarias para o retrato do pensamento. Se, quando falada, se desenrola em diminutivos, proprios do genio sentimental d'aquelle povo; se em prosa escripta não tem a intensa côr dramatica da lingua castelhana, ou a solemne eloquencia da lingua portugueza, — expressa em rimas ou toantes, nos devaneios de sua poesia, em lyrismo a primeira da Europa, então, ella é sonora e canta, e com expressão tal, que logo conhecemos o pensar e crer de um povo inteiro, e mais além dos recessos da sua alma, a sua encantadora paizagem com habitantes, arvoredos e rios.

Em duas epocas, essa lingua, entalhada de versos, deu de si brado entre as nações da raça latina. Foi a primeira nos seculos XII e XIII, quando acordou a Provença para soltar as linguas na *gaiada sciencia* dos trovadores. No cancioneiro da Vaticana, onde ficou não pouco de poetar gallego, lá se vê a pujança e a *vis* poetica de seus cancionistas, que se intitulávam burguezes de S. Thiago, e cantavam forte e bem, ao compasso da metrica provençal, que logo muda a sabor do idioma gallaico e da sua poesia propria. Seu dialecto é então erudito; mas até a metrificação em decassylabos de algumas d'essas canções differe d'aquella dos *segreis* da *lingua d'Oc*, e faz suppôr trovistas e jograes mais antigos, de que ora não restam vestigios.

N'este seculo, o cantar gallego, ou pela voz de seus dizidores populares, ou pela lyra afinada de seus poetas, do povo continúa a traduzir os affectos e sentimentos em simplices e maguadas estrophes de um lyrismo profundo. Que o leitor estude Curros Henriquez, José Benito Amado, Juan Barcia Caballero, Francisco Añon, Eduardo Pondal, Francisco de la Iglesia Gonsalez, Juan Manuel Pintos, Luiz Corral, Alberto Camino, e o principal cysne da Galliza, — D. Rosalia de Castro. Nunca a voz humana, em plectro musical, entoou endeixas de maior intuição; e nunca os poemas de outras linguas pintaram, ou antes, melhor descreveram, as simplezas da vida campestre. As lagrimas e o riso de todo um povo, sua physionomia, não tiveram, nem já quero que tenham, mais viva e fiel expressão do que nas rimas d'aquelles poetas. Pensa a gente voltar ás paizagens de Theocrito, ás do melancholico Virgilio, ou ao

dialogo com as aves e as estrellas de um S. Francisco de Assis.

Saudosos, maliciosos ou mestos, taes versos já encontraram outros inspirados, que os puzessem em musica. É necessario conhecer as collecções de Adalid, de Montes, de Leus, de Chané, de Baldomir, de Berea, de Veiga, para dar apreço ás melodias, ás alvoradas, aos cantares, que ora formam a musica gallega, tão original como o seu idioma, e repassada de internecimento, egual ao da sua poesia. [1] Se assim nos podemos expressar, aquella musica é um suspiro immenso, cadenciado, sentido. Mais parece o arfejar do vente nas franças dos pinheiros e ramalhando os carvalhidos, que a monotona respiração do mar. Para melhor definição, deveriamos dizer que mistura ambos os arfares, o do mar e o do vento, em prece religiosa, que se alteia e desce, consoante as quebradas da serra levam ou escondem as vozes. E' uma oração no meio da natureza, talvez orgão de egreja lançando seus ultimos sons ao cahir da tarde. Tem um encanto triste!

Mas, o povo gallaico de tudo faz versos.

Consubstanciando seus mythos catholicos com os mythos antigos, os de seus paes, os Celtas dos olhos claros, de todos elles fez poesia em grande; onde teem virtude as arvores, as fontes em que chora a Melusina; e onde suspira a cidade morta sob as aguas, em cujas margens, por vezes, se escuta o repicar dos sinos. Isto se conta de Doninhos, lago que fica além do velho Ferrol, e de Riega, lagôa na freguezia de S. Thiago de Pantin!

E os penedos celebrados? Um d'elles, sito em Mugia, extenso e largo, apoiando-se pelo centro em outro rochedo, todo se lastima com as rabanadas do vento, e estremece, se lhe dá impulso mão infantil. É a ara dos sacrificios aos velhos deuses; e ainda conserva o regueiro por onde escorria o sangue. Pois hoje, nas festas populares, lá vão brincadas romagens de raparigas tecer choréas alegres e bailar a *muneira* sobre a pedra de vinte metros, que se bamboleia e não cae; e que, tendo ouvido as invocações religiosas dos Celtas, agora vê as danças de seus filhos, tambem em honra dos numes!

> «Ali, na costa bravia
> Abala a *pedra da Barca*
> Que chama para Mugia
> Gente de tod' a comarca
> Nos dias de romeria.
>
> Da genio ver cando chea
> De romeiras e romeiros
> Soando a *pedr'* abanea
> E a o compás dos pandeiros
> Botam cantigas d aldea.» [2]

III

Curioso indagador das terras alheias, e tu, inquieto viajante, que tens percorrido a Suissa, a Italia e os Pyreneos, e talvez, mercê da tua opulencia, as costas da Suecia e da Noruega, à procura dos ares confortantes, que veem dos mares balsamicos e salgados, — toma tua vontade de ambas as mãos, e vae visitar a Galliza. A poesia está alli em acção.

Outr'ora lá foram monges, reis, pontifices; infanções e homens de guerra com seus creados e menestreis; damas da côrte, a pé, com sequito de hacanéas de gualdrapa carregadas de offerendas; os bons burguezes das cidades; a gente do commum; e até as creanças atravessaram em corrente invencivel toda a Hespanha, e lá foram rezar. Por quê, e por quem? Era a fé viva do tempo, melhor do que este, que em nada crê. Não admira.

De quarenta mil foi a cruzada de creanças, que na velha edade-média se abalou da Europa, por libertar o tumulo do Redemptor. Nenhuma d'ellas chegou aos logares santos, que as comeram os lobos, e ficaram nas estradas sepultas pela neve, ou tomadas de pavor pelos medos dos negros bosques. Mas por seu ideal trocaram o conchego materno; e egualmente foram á cidade de Compostella, onde está um dos filhos de Zebedeu, o bom apostolo S. Thiago.

Tambem lá fui. Vi as casas dos romeiros com suas vieiras de pedra; vi a cidade medieval, que ficou alli, toda acepilhada de brazões e ruas estreitas, cobertas de arcadas sombrias. Ajoelhei deante do tumulo do Santo, e na rua dos Vrillares (leia — dos Espadeiros), comprei um rosario de quatorze mysterios, todo de prata, que trouxe a minha mãe. E tinha pendente um santhiaguito, como elles lá dizem. Minha mãe e senhora julgou-se feliz para todos os dias de sua vida, e eu tambem por um instante, que assim lhe oirejei os annos andados, que já não são poucos. Ora pois:

Não vi cantar á porta da Gloria da egreja de S. Thiago, porta romanica tão celebrada, que até seu traslado em gesso está no museu de Kenssington, — os cegos e os outros jograes do tempo antigo, os romances sacros, em que os cantadores misturavam o divino e o profano, falando das cidades desapparecidas no fundo das aguas e dos milagres do Santo. Não vi os trinta mil palmeiros, dos quaes reza um auctor hespanhol, que tantos lá contou ainda no seculo XVI. E eram os allemães a um lado, do outro os francezes e tambem os italianos; aquelles tangendo salterios, estes *viguelas* (violas), os ultimos harpas, citharas e *symphonias* (leia — sanfonas).

De tudo isto, se o não dissera o historiador hispanico, dil-o hia o romance popular, pois conta do célebre D. Gaifeiros (quem seria?), que percorreu longes terras, e tão abarbado chegou a Compostella, que logo ajoelhando, morreu deante do tumulo do Santo. E lá foram tantos e tantos!

Menos feliz do que elles, só encontrei um peregrino, e já vinha na volta. Foi isto na ponte do Cavalleiro, que fica além de Redondella. Levava conchas na esclavina e apoiava-se de nodoso bordão. A barba, como manda a praxe, era longa e branca. Não obtive saber quem fosse; mas folguei de vêl-o, que me quiz parecer um protesto nestes tempos minguados de poesia e fé.

IV

Mas, de tantas recordações da Galliza, a que aposta vencer o primeiro logar na minha memoria, não é o santo apostolo, que trouxeram do Oriente, paiz do sol, e que enterraram numa cidade medieval, cidade de sombras; não é o promontorio sacro, que se alteia na Corunha; nem os seus cabos do norte batidos pelo oceano Atlantico. De tão grandes coisas, de nenhuma d'ellas se praz agora minha lembrança; nem das lendas dramaticas de seus castellos; nem das historias terriveis d'aquelles nobres, justiçados pela *Junta da Corunha*, que pagaram com a vida seus crimes e depredações. Não é d'isto; nem tão pouco das guerras das cidades contra seus bispos e cavalleiros; nem tão pouco d'aquella nau da Galliza, que içou seu pavilhão de guerra, o pavilhão de um povo forte, na batalha de Lepanto; não é d'estas emprezas e lances, o de que agora me quero lembrar; e tambem não d'aquelles soldados gallegos, que no ferido combate de S. Marcial, alcançaram de Wellington o nunca visto louvor, de que, por sua heroicidade antes mereciam o bastão do commando, que elle, o generalissimo! [1]

Sei tambem que ahi transbordaram e ahi vieram, nos velhos dias da sua historia, o homem das alturas e o homem lacustre, o Celta sonhador, as legiões de Cesar, cujas naves adentraram seus portos, e cujos *castros* cobriram seus montes. Sei do arranque dos barbaros; da civilisação que ahi crearam; e dos mahometanos de Almanzor que a destruiram; e dos piratas normandos que a puzeram a saque.

Sei d'isto; conversei alguns de seus poetas e mais a D. Manuel Murguia, o grande historiador da Galliza; ouvi cantar a *muñeira*, e vi-a dançada na romagem de S. Pedro e nas de outros bemaventurados, que estão na presença do Senhor.

Mas, o que mais me prendeu naquelle solo de benção, foi — a Ondina da Galliza. Vi-a nas fontes de crystal puro, a sorrir entre as severas armarias de granito, de um senhor de Alta-Mira, ou de Soutto-Mayor; vi-a nos lagos, illuminando de seus olhos faladores a paizagem; nos rios atirando-se feliz e contente pelas torrentes abaixo, e nos ribeiros a queixar-se, toda em lagrimas, á sombra dos bosques. Vi-a por toda a parte, dando estanque á sêde das pradeiras, á dos arvoredos, e tambem á dos poetas, que é sêde do ideal; e tambem á dos depauperes valetudinarios, sôfregos da perdida ventura que se chama a força, a qual foram deixando-a aos poucos nos embrenhados silveiredos das paixões mundanas. É o poder occulto e visivel da Galliza, e todos lhe querem — á Ondina; e por isso a fui ver em seu palacio de maravilha, que se alteia hospitaleiro em Pontevedra, na parochial de Mondariz. É o maior templo da Europa em que se dá preito ao nume; e lá a ouvi cantar, á maneira do trovador gallaico o seculo XII:

> «Que muyto m'eu pago d'este verão
> por estes ramos e por estas flores
> e polas aves que cantam d'amores
> et assy faz tod'omen namorado
> sempr'y and led' e muy loução.
> Cand' eu passo per algumas rybeiras
> so boas arvores, per boos prados
> se cantam hy passaros namorados
> logu'eu ali d'amores vou trobando
> et faço cantares en mil maneyras.
> Ey eu gram viço [1] e grand' alegria
> quando m'as aves cantam no estyo.» [2]

Conde de Valenças.

[1] Vejam-se as seguintes poesias, já postas em musica: — *Um adios a Mariquiña*; — *A foliada*; — *Os teus olhos*; — *Meus amores*; — *Como foy!*; — *El ruisseñor gallego*; — *As lixeiras anduriñas*; — *Negra sombra*; — *Lanxe d'aLenina*; — *A nenita, etc.*

[2] Victoriano Abeme, 1881.

[1] Quartel general de Lesaca, 4 de setembro de 1813. Ordem do exercito.

[1] vigor.

[2] N.º 456 do «Cancioneiro da Vaticana». Seculo XII.

NATAL AÇOREANO

DOIS LOGARES VASIOS...

ERA a vespera do Natal nas immediações de uma pequena cidade americana.

A noite caira já, e na sala d'aquella graciosa casinha de madeira, isolada em um canto de paysagem, agora coberta de gelo e de luar, com os espectros alvejantes de raras arvores apontando aqui e ali, como petrificadas arborescencias submarinas; n'essa sala, confortavel do calor do fogão, armava-se a *Arvore do Natal*, entre gritos d'enthusiasmo e risadas frescas de creanças, que batiam as mãos de contentamento.

Mas quando o velho açoriano, desde longos annos expatriado, começou a sua narrativa, todos se calaram e formaram circulo em volta d'elle escutando attentamente

— «Nenhum dia tinha para nós o encanto, a alegria do dia de Natal.

Desde tempo já que andava no ar um cheiro de festa, um sôpro vivo de felicidade; e, muitas vezes, por aquellas frigidas madrugadas de dezembro, eu e meus irmãos accordavamos em sobresalto, apontavamos o ouvido para longe, e ficavamos-nos a escutar o grito agudo dos porcos que áquella hora de luz vaga e fria se sangravam na nossa querida aldeia.

A nossa aldeia! Como eu a recordo com saudade!... Vejo a fileira de casas brancas ao longo da estrada; a egreja em cuja torre com janellas d'azul, badalava nos dias festivos a voz zoante dos sinos; depois algumas palhoças disseminadas na paysagem verde, rica de culturas; e finalmente a rebeira onde patinhavamos e perseguiamos os patos mansos que por ali se criavam. Era vel-os então, fugindo adeante de nós, aos bandos, grasnando assustados, correndo, correndo sobre a agua baixa, ajudando-se com as azas meio abertas, de cabeça levantada, a cauda caida, apanhando com os pés aqui e ali alguma ponta de pedra que saia da superficie limpida onde vinham reflectidas as margens verdes com as suas altas arvores, e o céu luminoso... E da velha ponte que attravessava mais ao longe sobre pegões de pedra tosca, quem passava gritava-nos: — O' ladrões, deixem vocês esses bichos quietos!... O' rapaz do diabo olha que matas a pata!...»

Era assim um côro de imprecações durante o dia inreiro, porque toda a gente mais ou menos tinha por ali patos que lhe pertenciam: — a ribeira era como um gallinheiro commum.

Sim, rapazes do diabo eramos nós, mas santo diabo esse a que pertenciamos de corpo e alma e que não era outro senão os nossos dez, doze annos, a nossa vida rica de seiva, a nossa alma varejada de luz e iriada de illusões e esperanças, o

nosso espirito impressionavel, fresco como uma flor desabrochante. Sim, era o diabo... ou antes: — era a Deusa da nossa infancia, essa doce figura de joven mulher, banhada em risos, esculptural, branca, de tunica fluctuante e leve, os pés nús, os hombros, o collo nú, na simples e casta nudez da Natureza; sim, era Ella, a nossa fiel amiga que nos não abandonava nunca, e nos dava o goso immenso de viver!...

* * *

Mas, ao ouvir os porcos guinchando ao longe pelas frias manhãs de dezembro, nós perguntavamos uns aos outros: «E o nosso?... Quando é que elle se mata?...»; e concentrando o ouvido mais perto, sentiamol-o roncar no chiqueiro, — um ronco lento e perguiçoso, porque já quasi se não mexia de gordo, — Quem o vira e quem o via agora!... Pelo Natal passado ainda elle era um leitãosinho branco e rosado, de uma vivacidade irrequieta, pulando pelo curral, o olhar vivo, a orelha buliçosa, com a pequenina cauda em annel, garoto e brincalhão, atirando-se ás gallinhas que esgaravatavam o estrume procurando vermes, e que fugiam espantadas, cacarejando alto, deante dos arremessos cabriolantes do porquinho. Tinha o cerebro leve, o coração á vontade, o maroto; tinha a mocidade; era como nós.

Por isso tambem elle fôra o nosso amigo e por mais de uma vez o noso companheiro de brinquedos. — Saltar ao chiqueiro perseguil-o, metter meio corpo pela abertura do pequeno palheiro onde se abrigava, estender o braço, agarral-o por uma perna e puxal-o cá para fóra, de rastos, o focinho esfregando o chão, esse era um dos nossos maiores gosos. Mas o patife sabia defender-se, — gritando!... Gritava furiosamente, obsstinadamente, como um rapaz mal creado, e nada o obrigava a calar-se, nem os esforços de meu irmão Jose para lhe amarrar a boca com um vime, nem os sopapos e os pontapés que lhe davamos. Pelo contrario, isso ainda servia de o excitar, fazia com que guinchasse cada vez mais alto; era uma inferneira; e tornava-se necessario ou um berro de meu pae dentro em casa ou a figura de minha mãe apparecendo á porta da cosinha para o largarmos. Safava-se então para o palheiro abanando as orelhas, e lá se escondia roncando baixinho; porém, instantes depois, não podia resistir ás instigações da sua enorme voracidade, e uma batata ou um pedaço de abobora atirado de proposito ao meio do curral, como um engodo, eil-o que accorria logo, e nós de novo em cima d'elle, rolando-nos juntos na monda secca e no estrume.

Pelo tempo adeante cresceu, fez-se gastronomo, e á maneira que engordava tornava-se grave e serio como o nosso padre cura, que era homem de nedio cachaço e que nunca ninguem vira rir. Como para seriedade nos bastava a escola, puzemol-o de parte, e só em uma ou outra occasião. nos entretinhamos ainda a fazel-o levantar e andar de pé repetidas vezes, o que era para elle o maior dos sacrificios.

Por fim já estavamos inquietos de ver chegar o dia em que diviam matal-o. Então começámos a tratal-o com mais cuidados, a dar-lhe tudo o que elle queria comer. Assim, engordou de fórma que mal se movia, e quando mergulhava o focinho na pia, com as grandes orelhas caidas sobre os olhos amortecidos, esquecia-se a beber a sua agua com farinh, sorvendo lentamente, docemente, sem o mais leve ruido, e caindo logo ali, pesado e somnolento, com suspiros fundos.

Era um monte de carne, uma massa viva de toucinho sob a pelle suja d'aquelle anno de chiqueiro.

A cauda, que em elle sendo pequeno era delgada e buliçosa, estava agora gordissima, cheia de roscas; nós já a tinhamos d'olho e anticipadamente a disputavamos uns aos outros. — O rabo e a bexiga, eis as duas coisas que mais nos preoccupavam, esta ultima para a enchermos d'ar e bater com ella pelas paredes, pelas costas dos outros rapazes, e seccal-a depois, para nos servir de boia de segurança, no verão, ao tomar banho nas poças da costa.

* * *

Era de manhã cedo, ao romper do dia, que o nosso porco se matava.

A essa hora já em outros pontos da aldeia outros porcos estavam sendo sangrados, gritando dolorosamente.

O nosso, porém, n'aquelle anno, como já lhes disse, saira enorme, d'um tamanho desconhecido por aquelles sitios. E gordo! Avaliavam-no em vinte arrobas! Por isso, n'essa madrugada, veiu gente vel-o matar, assistir áquella festa.

O sr. padre vigario, que tambem appareceu, disse para meu pae:

— O' José quem é que vae matar este porco?...

— Eu, senhor, á falta de gente...

— O José toma cautella não vás *espaduar* este porco... É muita gordura... muita gordura... Cá na freguezia nunca vi nenhum assim... Vê lá como vaes metter a faca...

Mas meu pae sorriu-se, seguro de si, da sua longa esperiencia.

Fôram precisos seis homens para o apernar e deitar sobre o murosinho baixo que ficava em frente da porta da cosinha. Todavia, agora, bem deitado, elle cessara de espernear e sacudir a cabeça; parecia quer voltar á sua somnolencia interrompida, roncando mansamente na garganta.

— Dois dos homens puchavam-lhe as mãos para traz, desembaraçando o peito para a facada!

Então meu pae adiantou-se, de mangas arregaçadas e faca na mão á qual dava o ultimo fio n'um «passador» de ferro, emquanto minha mãe ajoelhava, segurando o alguidar de barro vidrado para aparar o sangue, e onde ella deitára primeiro algumas pedras de sal e uma gotta de vinagre.

Toda a gente estava suspensa; o momento era solemne.

Pela minha parte sentia bater o coração como se quizesse saltar-me do peito.

Mas já a este tempo meu pae com o polegar da mão esquerda tateava o nó da goella do porco, e logo, sem hesitações, com um golpe seguro, a faca entrou no pescoço do animal, d'onde rebentou um jorro de sangue quente, rutilante, que bateu com força no fundo do alguidar, respingando, salpicando os braços nus de minha mãe.

Despertado pela dôr aguda da facada, o porco quiz fugir com a cabeça, extorceu-se, mas os homens que o seguravam mantiveram-n'o immovel, e elle apenas poude levantar a sua guinchadeira lancinante.

A mim o que principalmente me attraia, o que me tinha ali preso, causando-me um calafrio, era aquelle jacto de sangue escarlate, vivo, que corria de borbotão, e que me fascinava, parecendo a propria vida liquida do pobre animal que assim se escoava.

Entretanto a voz afrouxou, extinguiu-se, e foi substituida por uns roucos estertorosos cada vez mais espaçados. O sangue já pouco corria, e meu pae com a faca explorava a ferida, ia procurar as ultimas gottas do precioso liquido que deviamos comer em murcellas.

Por fim, elle exclamou:

— Aqui já não ha que esperar... — E enterrando a faca com força foi craval-a no coração do animal que teve uma ultima contracção e expirou.

Minha mãe ergueu-se e foi correndo para a cosinha, a fim do sangue não talhar e ser logo misturado com os «cheiros»: os grêlos assetinados das cebolas, os molhos verdes de salsa appetitosa, que na vespera, até altas horas da noite, em volta da mesa da cosinha, todos haviamos picado, e a meia chicara de cominhos e outros temperos moidos no velho gral de madeira.

Então mestre porco foi rolado para o chão e emquanto nós, as creanças, pulando e gritando, iamos buscar palha para o chamuscar, elle ali ficou immovel, com os olhinhos vidrados, sumidos na gordura, com os beiços arregaçados mostrando as presas, e a mancha vermelha da ferida no pescoço.

D'ahi a instantes, a palha accesa, em vagas labaredas lambendo por entre rôlos de fumo espesso, estalava alegremente sobre elle, ao passo que lhe iam tirando as unhas que se despegavam facilmente com o calor, e o raspavam todo para o limparem do cabello.

Por ultimo foi bem lavado, rapado á faca, barbeado, que ficou branco e roliço como um chantre. Dava vontade de o beijar.

Assim foi transportado para a loja onde o dependuraram pelos pés, e onde foi aberto de cima a baixo, pela frente.

Os nossos olhos avidos viam sair o coração, os bofes, ainda ensanguentados e fumegantes; gorduras brancas; os intestinos interminaveis; o delicado trama do veo; mas nada d'isso nos importava: o que nós só queriamos era o rabo, era a bexiga. Logo que a agarravamos fugiamos, iamos laval-a cuidadosamente e enchel-a d'ar para bater com ella uns nos outros.

E á noite, á meia noite, quando seguiamos para a *missa do gallo,* na nossa pequena egreja que nos esperava cheia de luzes na noite gelada, e as estrellas avivavam lá em cima, no azul descampado, o seu brilho pestanejante, a minha viva imaginação de creança ia ainda toda occupada com aquellas, para mim, grandes scenas do dia; e não era facil esquecer-me senão quando, depois da missa, se patenteiava o presépe a toda a gente.

Ah! heide vêl-o sempre o querido presepe da minha verde aldeia, com as suas rochas de pedra queimada por onde desciam os tres reis magos; com as suas fontes e regatos de canotilho e papel prateado; com as suas pombas de asas estendidas presas ao céo azul por fios de arame em espiral; com os seus moinhos, as suas casas de madeira pintada a côres vistosas; com a sua gruta onde o Menino Jesus se mostrava nú em um berço, sob os olhares amorosos da Virgem Maria e de S. José; havendo mais por toda a parte vaquinhas de barro, burros, ovelhas, gallinhas, patos, uma infinidade de animaes de toda a especie e uma infinidade de figuras humanas dos mais variados trajos, feitios e tamanhos, que todas se encaminhavam para a mysteriosa gruta a felicitar o Deus recemnascido... E adeante, sobre o altar, em pires, em pratinhos de louça ordinaria, por entre a profusão dos vasos de flôres, cresciam as hastes finas e pallidas do trigo, que, tempo antes fôra deitado a grelar para adorno do presepe. Na incidencia da luz, aquella vejetação, doce e franzina, tenra e delicada como um ser debil, accrescentava uma nova doçura, uma frescura mais suave, uma outra singeleza e rustica simplicidade áquelle quadro tocante que ficava em frente, para além do vidro, e em volta do qual um montão de pessoas — toda a aldeia — se apertava para vêr melhor.

Depois regressavamos a casa, nós os pequenos cabeceando de somno pelo caminho, e só despertando ao pé da meza posta, de toalha lavada, os pratos brilhando de limpos, as laranjas frescas, os torresmos loiros, e sobrelevando a tudo, a murcella negra, lustrosa de gordura quente, chiando ainda da frigideira, envolvendo toda a casa com o seu cheiro vivo e appetitoso, que nos fazia crear agua na bocca.

Sentava-se toda a nossa familia, que era grande, e ahi se passavam uns momentos de sã alegria, accrescentada á conta do bem estar dos estomagos satisfeitos.

Olhando hoje com os olhos da recordação e da saudade, para essa tosca meza, distante no passado, entrevejo-a egualmente clara e illuminada, com a mesma frescura da sua alva toalha, da sua loiça e dos seus fructos, com o mesmo cheiro penetrante dos torresmos e dar murcellas, d'envolta com o aroma silvestre que se evolava do ramo de verduras e flôres viçosas que uma de minhas irmãs se não esquecia nunca de colher no quintal para enfeitar a nossa pobre ceia; — mas de todos aquelles que a rodeavam, quantos não desappareceram já, levados pelo destino, por esse mundo fóra!... Ai de mim! Mesmo que fosse possivel rennil-os de novo, fazel-os sentar lá todos hoje, esses que a vida separou, espalhou, ainda assim dois logares ficavam para sempre vasios: — o logar de meu pae, o logar de minha mãe!...»

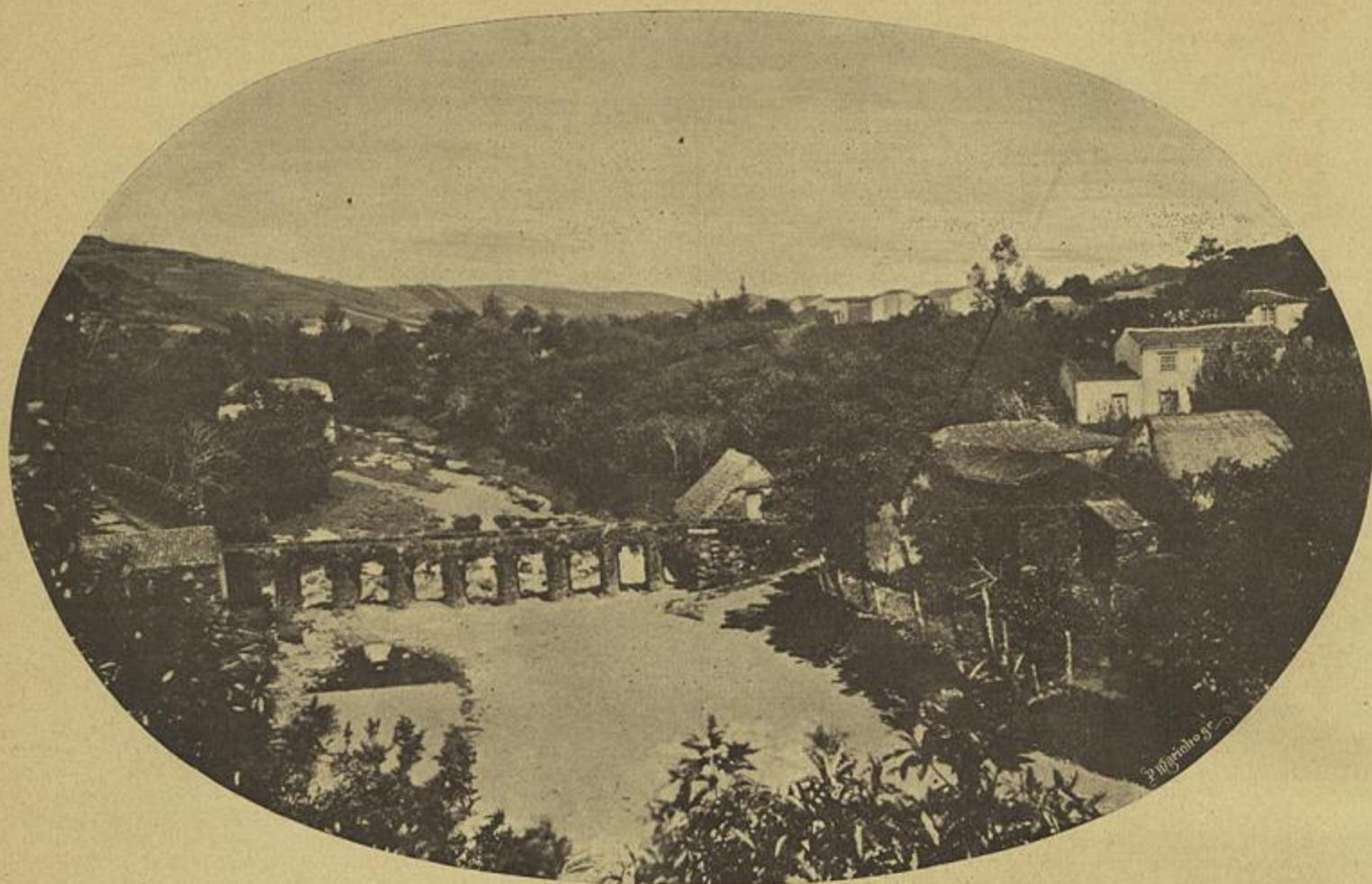
Horta, dezembro, 98.

Florencio Terra.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Completa hoje vinte e um annos de existencia o Occidente e vae entrar no vigessimo segundo anno de publicação.

É em verdade extraordinaria tão longa vida n'uma publicação litteraria em o nosso paiz, onde nenhuma outra revista ou illustração logrou passar além de dez ou doze annos de existencia.

Esta longevidade déve-a, sem duvida, o Occidente, ao extremo favor com que os seus numerosos assignantes e o publico em geral, o tem acolhido, favor que a empreza agradece reconhecida, não se esquecendo de agradecer tambem o auxilio que os seus dedicados collaboradores, onde se encontram os primeiros homens de lettras e artistas portuguezes, lhe tem prestado com sua valiosa e selecta collaboração.

NATAL AÇORIANO — «... a ribeira onde patinhava-mos e perseguia-mos os patos mansos...»

RIBEIRA DOS FLAMENGOS NA ILHA DO FAYAL

(Copia de uma photographia)

Com tão valiosos elementos esta revista tem conseguido distinguir-se pela boa escolha dos artigos e gravuras, procurando sempre ser tão amena quanto util e instructiva, de modo a offerecer leitura proveitosa e moral, podendo entrar confiadamente no seio das famlias mais honestas.

Estes lisongeiros resultados são outros tantos motivos de satisfação para a nossa empresa, que assim conseguiu dotar o paiz com uma illustração, embora modesta em suas proporções, mas que tem sido favoravelmente apreciada em Portugal e no extrangeiro, onde, além dos numerosos assignantes que conta nos diversos paizes da Europa e da America, tem merecido premios nas exposições, desde a de Paris de 1878 até á de Antuerpia de 1894, sendo-lhe conferido na Exposição da Imprensa, realisada em Lisboa por occasião das festas do centenario da India, «O grande Diploma de Honra,» o mais elevado premio d'este certamen.

A todos e por tudo se confessa extremamente reconhecida

A Empresa.

Aviso

Com este numero é distribuido a todos os srs. assignantes o frontespicio, indices e capa de papel do presente volume.

Este numero com a respectiva capa, vende-se avulso a 200 réis cada um.